

HORTA-OCA: ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA, TROCAS, APRENDIZAGEM E CULTIVO DE IDEIAS

Joana da Costa Lyra ¹
Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes²

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

O presente texto apresenta um relato de experiência sobre a horta-o-ca, uma iniciativa do Instituto Nacional de Educação de Surdos, que vem sendo cultivada por professores de artes e alunos surdos com idades entre 8 e 21 anos. Iniciada em 2015, com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, a horta-o-ca configura-se como um espaço de convivência, trocas, aprendizagens e cultivo de ideias. As práticas pedagógicas experimentadas e a utilização de ferramentas como enxada, escavadeira e pá possibilitaram o agenciamento e a ampliação das vivências corporais e sensoriais de crianças e jovens conforme os princípios da educação pela experiência e pela prática de Paulo Freire. A horta-o-ca, conectada à noção da agroecologia, proporciona um ambiente favorável à revalorização de tradições e sabedorias populares e

¹ Professora do Núcleo de Artes do Departamento de Educação Básica do INES (DEBASI/INES).
E-mail: luciavig@gmail.com.

² Professora do Núcleo de Artes do Departamento de Educação Básica do INES (DEBASI/INES).

indígenas; ao encontro com a diversidade de saberes e sabores; à conexão com a terra e os ciclos da natureza; e à reflexão sobre a relação entre ciência e arte, com ênfase em ações coletivas que promovam o bem viver. Ao relato das experiências vividas consolidado no formato de um diário das ações, agrega-se uma narrativa visual integrada por fotos e pequenos vídeos produzidos no curso do processo.

Palavras-chave: Arte. Agroecologia. Cultivo de ideias. Horta. Educação de surdos.

Todos os membros de uma comunidade ecológica estão interligados numa vasta e intrincada rede de relações, a teia da vida. Eles derivam suas propriedades essenciais, e, na verdade, sua própria existência, de suas relações com outras coisas. A interdependência — a dependência mútua de todos os processos vitais dos organismos — é a natureza de todas as relações ecológicas. (CAPRA, 2006, p. 231)

O espaço da horta-oca foi criado com o objetivo de reaproximar crianças e jovens ao convívio com a natureza, proporcionando a experiência pedagógica em ambientes que ultrapassem a sala de aula e que favoreçam vivências plurais, significativas e enriquecedoras. Nessa direção, consideramos a aquisição de conhecimentos como trocas contínuas entre docentes e discentes e reconhecemos os experimentadores e pesquisadores atentos ao fluxo dos acontecimentos cotidianos.

O homem constitui um dos agentes, entre os muitos outros agentes — cósmicos, físicos e biológicos — da transformação do universo. O instrumento dessa contínua transformação é a experiência concebida como uma ocorrência cósmica. O inorgânico, o orgânico e o humano agem e reagem, pela experiência, num amplo, múltiplo e indefinido processo de repetições e renovações,

de ires e vires, de uniformidades e variedades, de fatalidades e imprevistos, graças a cujo processo se tornam possíveis, de um lado, a predição e o controle e, de outro, a oportunidade e a aventura. (TEIXEIRA, 1955, p. 3-27)

A afirmação de Piorski (2016), “a natureza tem a força necessária para despertar um campo simbólico criador na criança”, nos impulsionou a conceber o projeto horta-oca, levando em conta a valorização de práticas sustentáveis combinadas à observação da natureza. Partimos do princípio de que a aula de artes é um espaço de exploração e desenvolvimento dos sentidos, de pesquisa e experiência, e consideramos a natureza um espaço privilegiado para propostas de desenvolvimento sensorial, em sua multiplicidade de formas, cores, odores e sabores.

Ações que possibilitem tornar dinâmica a “aventura” da sala de aula é parte de nossas preocupações e intenções, principalmente no que se refere à construção e permanente atualização dos conhecimentos acerca de sensações que se plasmam ao calarmos e escutarmos por canais de sutil sensibilidade.

A partir do trabalho pioneiro de Jean Piaget, Maria Montessori e Rudolf Steiner surgiu um amplo consenso entre cientistas e educadores quanto ao desenvolvimento das funções cognitivas da criança em crescimento. Parte deste consenso é o reconhecimento de que um ambiente de aprendizagem rico, multissensorial — envolvendo formas e texturas, as cores, odores e sons do mundo real — é essencial para o pleno desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Aprender na horta escolar é aprender no mundo real em sua plenitude. Traz benefícios para cada aluno da comunidade escolar e é uma das melhores formas de tornar as crianças ecologicamente alfabetizadas e, desse modo, contribuir para a construção de um futuro sustentável. (CAPRA, 2003, p.29)

Consideramos a importância do reconhecimento de crianças e jovens integrados à natureza, e percebemos ser transformadora a vivência do plantio, de observação da germinação das sementes, do crescimento e da colheita, uma experimentação artística plena que privilegia o desenvolvimento sensorial de amplo espectro.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p.77)

Surpreendemo-nos atentas na aventura diária, no enfrentamento da dinâmica intensa da sala de aula, para brincar e conhecer o jogo do silêncio.

AS CRIANÇAS, AS SEMENTES E A TERRA

A horta-oca teve início nas mesas e nas estantes da sala de aula de artes, em pequenas sementeiras onde plantamos milho, feijão guandu e tomate. A alegria despertada nesse primeiro contato com as sementes e com a terra foi um estímulo para seguir adiante com o projeto. As crianças vibravam quando retornavam à sala de artes nos dias seguintes ao plantio e observavam a planta recém-despontada, verdejando. Alguns chegavam a pegar os recipientes com brotos para beijá-los com afeto. Ao regá-las, os alunos eram lembrados sobre ter cuidado com as plantas ainda frágeis.

A partir dessa primeira experiência, a natureza passou a ocupar lugar central nas aulas de artes. Iniciamos uma série de propostas/investigações:

- Trabalhamos os sinais em Libras dos vegetais plantados e de outros.
- Propusemos a criação de desenhos de observação das plantas em desenvolvimento.
- Conhecemos histórias e contos populares com essa temática.
- Criamos mandalas com colagem de sementes variadas.
- Visitamos a área externa do INES para observação e escolha de elementos naturais como folhas, galhos e sementes para composições no chão e colagens sobre papel.

Nos passeios pela parte externa da escola, foi possível observar os efeitos da luz e das sombras sobre o ambiente, ampliando o repertório de matizes e cores encontrados na natureza. Foram construídas (inventadas) pequenas casas nos jardins com galhos, fibras naturais, folhas e barbantes, atentado para os elementos coletados. Todas essas atividades criaram um elenco de ações posteriormente trabalhadas e lembradas dentro de sala de aula em desenhos, anotações e registros. Uma rede de relações (“rizomática”) estabeleceu novos percursos, portando potências geradoras de outros projetos e ações, conforme a definição do rizoma encontrada em Deleuze e Guattari (2004): “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’” (p. 37).

No processo, enfatizamos o estudo das expressões artísticas dos povos indígenas brasileiros, seus grafismos e a utilização de materiais encontrados na natureza. Por meio da pesquisa e da organização de amplo material em fotografias e desenhos dos povos originários, foram observadas as diversidades étnicas; a riqueza na produção de objetos utilitários, vestimentas para rituais e festas; bem como construções e habitações. Em paralelo, foi produzida uma série de pinturas e desenhos com tintas elaboradas a partir de materiais naturais como açafraão, urucum, beterraba e carvão. Percebemos que a fabricação dessas tintas trouxe mais uma camada de sentido aos processos vividos pelos alunos, em razão de seu caráter de experimentação e revelação de “espírito científico” mencionado durante a ação.

Conhecemos a natureza por um olhar científico, mas a ciência não dá todas as respostas necessárias para o campo da ética, da saúde psíquica ou para o campo simbólico. É exatamente este campo simbólico — da imaginação e do sonho — que faz o vínculo entre a criança e a natureza. Quando a imaginação da criança encontra a natureza, ela se potencializa e se torna imaginação criadora. (PIORSKI, 2016)

Depois de alguns meses dessa investigação inicial, partimos para ocupar um local onde outrora, conforme relatos, teria sido organizada uma horta por funcionários do instituto.

O ESPAÇO DA HORTA-OCA E A AGROECOLOGIA

Desde nossa primeira visita, o local pareceu muito favorável para a realização do projeto. Encontramos um espaço de terra de cerca de 100 m², com árvores nativas, como embaúba, goiabeira e mamoeiros; além de frutíferas, como limoeiro, atemoia, e outras espécies de médio e pequeno porte. O local preservava os canteiros remanescentes da antiga horta, prontos para nossa ocupação.

Constatamos que esse cenário já apresentava em si todas as condições para se pensar no desenvolvimento do projeto considerando a noção de agrofloresta, na qual árvores associadas no espaço e no tempo com espécies agrícolas e/ou animais combinam-se na mesma área.

Iniciamos estudos, pesquisas, consultas com agricultores e profissionais da área em paralelo à participação em seminários e feiras agroecológicas. Reunimos novos conhecimentos sobre manejo, adquirimos sementes e mudas, e a partir de dessas trocas nos guarnecemos de muito entusiasmo para realizar o trabalho.

O encontro com os fundamentos da agroecologia incentivou o desenvolvimento de relações com as outras disciplinas do currículo escolar (por exemplo, ciências, biologia, geografia e história) e o reconhecimento dos recursos naturais finitos do planeta. Nesse sentido, a aplicação de princípios ecológicos nos sistemas agrícolas, valorizando ciclos naturais em benefício da produção agropecuária, eixo conceitual da agroecologia, descortinou outras leituras de mundo. Nessas leituras, reconhecemos que a autonomia em relação ao uso de insumos industriais possibilita produção de alimentos de alta qualidade biológica e nutricional, livres de contaminantes químicos e transgênicos, ao mesmo tempo que conserva o solo, os recursos hídricos e a biodiversidade, e promove a emancipação social e econômica de agricultores. Todas essas formulações foram pensadas durante a concepção e a produção do projeto, para que pudessem ser abordadas nas aulas. Nessa direção, Leonardo Boff (2004) ressalta que “para os povos originários a terra não é um simples meio de produção. É um prolongamento da vida e do corpo. É a *Pacha Mama*. A Grande Mãe que tudo gera, alimenta e acolhe”. A dimensão sutil de comunhão com o outro, com o ambiente e com a Terra foi percebida através

da alegria e do envolvimento de todos os participantes e colaboradores na horta.

Em si a natureza tem a sua potência revelatória [...], mas pra que se revele é preciso que o homem conheça de sua semântica, sua linguagem, sua forma de se comunicar e produzir nova vida, se ramificar, se proliferar, de nascer e morrer. (PIORSKI, 2016)

O primeiro plantio aconteceu em junho de 2015, com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Plantamos mandioca, iniciando a horta com um cultivo que consideramos muito simbólico pela sua recorrência na agricultura dos povos indígenas originários — os quais tem o conhecimento de mais de cem espécies dessa planta. Sabedoria transmitida há gerações, o cultivo da mandioca, assim como a produção de farinha e muitos outros produtos confeccionados a partir dessa raiz (por exemplo, a tapioca), apresenta substancial importância para a alimentação brasileira das populações tradicionais.

Foram abordadas as festividades relacionadas a plantio e colheita desses povos e a relação das estações do ano com essas práticas. Percebemos ser a horta-oca espaço gerador de múltiplos sentidos, incluindo a abordagem de histórias e mitos de povos originários.

A partir de então, passamos a utilizar o espaço com frequência nas aulas de artes e o nomeamos de horta-oca. *Oka*, do tupi-guarani, casa. Assim, o nome traduz o desejo de que crianças, jovens, professores e outros frequentadores possam estabelecer com esse ambiente uma relação de afeto, intimidade e acolhimento, “habitando” a horta.

Além disso, concebemos a horta como um local de valorização da memória e de saberes ancestrais que se alinham a práticas e vivências impregnadas de visualidades, modos de estar e nomear.

Da mesma forma que os indivíduos e os povos, a espécie humana tem uma memória, que nesse caso permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história [...] A busca pela memória de nossa

espécie em todos os cantos do mundo acaba por reconhecer que, hoje, ela pode ser encontrada em meio às chamadas sociedades tradicionais e, mais especificamente, entre os povos indígenas do mundo. (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 23- 24)

Em sequência, iniciamos uma série de experimentos com alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (com idades entre 7 e 20 anos). As visitas à horta-oca tornaram-se semanais, fazendo parte da rotina escolar dos estudantes. Plantamos mudas de ervas, legumes, verduras, raízes, flores e frutas, buscando privilegiar o repertório de cultivos tradicionais das roças brasileiras. Por vezes nos reuníamos em grupo para visitar a horta-oca, regar as plantas e observar seu desenvolvimento, realizar desenhos de observação ou mesmo brincar no espaço.



Figura 1 – Nomeação das mudas e os cuidados com a horta-oca

A pesquisa de material imagético relacionado à natureza, nas diversas turmas de primeiro e segundo ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, desencadeou atividades de pintura nas paredes da horta e nas pedras que delimitam os canteiros, bem como a confecção de placas para identificação dos cultivos. Construimos coletivamente uma estrutura de bambu para dar esteio às mudas de tomate e maracujá. Na produção do material de sinalização da horta fomos percebendo a necessidade de escolher

palavras que definissem as ações para afirmação de nossos propósitos. Durante as experimentações na horta-oca, observando meninos e meninas em momentos de entusiasmo, curiosidade, descobertas, partilhas e também introspecção, vivenciamos a potência do contato com a terra, os brotos, as formigas, as minhocas. Para além dos conteúdos intrínsecos à proposta da criação de um espaço de cultivo e observação da natureza, firmaram-se laços de amizade e trocas contínuas nos quais a cooperação se mostrou um potencial motor para as ações artísticas na escola. O artista e poeta Roberto Corrêa dos Santos (2015) afirma ter a arte contemporânea a necessidade política de conclamar pelo outro, pelo par, pelo conjunto. A experiência-ação na horta-oca se valeu da política da reciprocidade e do entendimento de processos colaborativos em arte.

Na amizade há uma conversa feita com palavras e sem palavras: a manifestação extrema do estar, que não admite cognição nem superposição nem autoridade. Trata-se de uma existência com a qual se pode contar na presença e na ausência: a proximidade nunca é suficiente, a distância nunca é demais. Trata-se de uma relação essencial, em que conhecer não é apenas uma opção entre várias, mas, a própria vontade de renunciar a conhecer, de declinar a interpretar, traduzir ou explicar: uma relação, então, na qual a voz de um e de outro se escutam mutuamente. (SKLIAR, 2014, p. 49)

A TEIA DA VIDA

As bases iniciais do projeto horta-oca se afirmavam na possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de um currículo integrado, calcado em estratégias de ensino-aprendizagem diferenciadas para o exercício da interdisciplinaridade a partir de temas transversais. Ao longo do percurso fomos percebendo a ampliação de outras proposições, como a ideia de cuidados — com o planeta; o cuidado de si e do grupo — para a manutenção de uma política da amizade, exercida por todos os envolvidos.

Através da horta também nos tornamos conscientes de que fazemos parte da teia da vida; com o tempo, a experiência da ecologia na natureza nos proporciona um senso de lugar. Nós nos damos conta de que estamos inseridos em um ecossistema, numa paisagem com flora e fauna peculiares, em um sistema social e uma cultura próprios. (CAPRA, 2003, p. 28)

Por uma ética da amizade, da colaboração, da reciprocidade e do amor, reiteramos o propósito de colocar em prática a cocriação de mundos possíveis, cultivando relações harmônicas entre todos. A horta-oca possibilita encontro único, fértil e potente, gerador de expressões manifestas em jogos, brincadeiras e ações artísticas para firmar o exercício da escuta ao outro, despertar o interesse e a curiosidade, considerando o permanente devir que nos retroalimenta.

A emoção básica que nos torna seres humanos sociais — por meio da especificação do espaço operacional de mútua aceitação em que operamos como seres sociais — é o amor. Ele é a emoção que constitui o domínio da aceitação do outro em coexistência próxima. Sem um desenvolvimento adequado do sistema nervoso no amor, tal como vivido no brincar, não é possível aprender a amar e não é possível viver no amor. (MATURANA; VERDEN-ZÖELER, 2004, p. 245)

REFERÊNCIAS

- BOFF, L. *Ecologia: grito da terra grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAPRA, F. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: Trigueiro, A. (Coord.). *Meio ambiente no século 21*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DOS SANTOS, R. C. *Cérebro ocidente/cérebro Brasil: arte-escrita-vida-pensamento-clínica — tratos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Circuito/FAPERJ, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖELER, G. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

PIORSKI, Gandhi. Criança e natureza. In: TERRITÓRIO DO BRINCAR. *Diálogos do Brincar #2: 'Criança e Natureza', com Gandhi Piorski*. 2016. (59m24s). Disponível em: <<http://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/dialogos-dobrinicar/videoconferencia-2-crianca-e-natureza/>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

SKLIAR, C. *Desobedecer a linguagem: educar*. Trad. Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TEIXEIRA, A. Bases da teoria lógica de Dewey. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 57, jan.-mar. 1955.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. Tradução Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

